

## **A liturgia não precisa de incentivos**

**Julián Carrón**, presidente de Comunhão e Libertação

*Entrevista de Josep Playà Maset  
Barcelona*

Julián Carrón (Navaconcejo, Cáceres, 1950), sacerdote e teólogo, foi chamado a Milão em 2004 por Luigi Giussani, fundador de Comunhão e Libertação, para partilhar a condução deste movimento, e em 2005, depois da morte de Giussani, foi nomeado presidente de uma associação que tem quase cem mil membros em 90 países. Mas quem é Julián Carrón, e quais são as intenções deste movimento que tem tanta influência no mundo católico? A resposta pode ser encontrada lendo *¿Donde está Dios? [Onde está Deus?]* (ed. Encuentro), um livro que nasce de uma conversa com o jornalista e vaticanista Andrea Tornielli, apresentado esta semana em Barcelona.

**Parte-se da afirmação de que “Um cristão olha para o futuro com realismo e com esperança”. Dois termos que quase parecem ser opostos.**

São Paulo, na sua *Epístola aos Romanos*, descreve o mundo com tons apocalípticos, e esta capacidade de não ter medo diante da realidade nasce da esperança que ele depositava em Cristo. Quem tem uma resposta não se assusta com a realidade e não tem de adoçá-la, pode olhá-la de frente.

**O senhor diz que a secularização do mundo é uma grande ocasião de testemunho, ao passo que, geralmente, ela é analisada sob uma ótica mais pessimista.**

Paradoxalmente, a secularização pode ser uma grande ocasião para testemunhar o acontecimento cristão e a originalidade da fé. Na obscuridade, é mais fácil apercebermo-nos de onde está a luz e identificar os pontos luminosos.

**A que é que atribui a secularização da sociedade de hoje?**

É como uma avalanche, é preciso recomeçar do início. O problema tem a ver com a Igreja, e com cada pessoa que se interroga como responder à emergência educativa, à violência, à incapacidade de se encontrar, aos muros que se levantam, à radicalização das posições; é uma situação que todos temos de enfrentar, e a experiência cristã pode ajudar a dar uma resposta.

**O mal, a dor, o sofrimento afastam o homem de Deus, ou aproximam-no?**

Aproximam-no, porque a dor faz-nos dar-mo-nos conta das necessidades que temos. O Evangelho está cheio de exemplos em que a dor aproxima da presença de Jesus, que é também uma resposta. A dor faz parte da condição humana, é difícil de penetrar, é um mistério; mas ao mesmo tempo, é também uma grande ocasião de relação com os outros e entre nós. O facto de que Jesus tenha sofrido a dor na sua própria carne faz com que as outras pessoas que vivem a dor ou têm feridas produzidas por situações familiares, sociais ou culturais, possam voltar à vida.

**O que é que viu em Comunhão e Libertação para ter decidido aproximar-se deste movimento?**

A possibilidade de um tipo de experiência da fé que tinha a ver com a vida toda, que podia encher de luz e entusiasmo todos os aspetos da realidade. A presença de Cristo na família, no trabalho, na dor, dá resposta ao desejo de plenitude. É como a criança que vai mal na escola, e encontra um professor que lhe oferece o seu tempo para a ajudar.

### **Por que é que Comunhão e Libertação é considerado um movimento integralista?**

Para nós, o facto de que o cristianismo tenha a ver com tudo é uma dimensão fundamental. Cristo pode iluminar todos os aspetos da vida, o trabalho, o tempo livre, a capacidade de abraçar o outro. É neste sentido que toda a experiência humana, quando é autêntica, não pode não abraçar a integralidade das suas dimensões.

### **Mas a acusação de integralismo vai numa outra direção.**

Pode ser interpretada no sentido de procurar a integralidade da pessoa, ou no sentido de que não se aceitam outros tipos de mediações na vida real, mas isso nunca aconteceu. Nós queremos viver um ideal de integridade, apesar de todos os nossos limites.

### **A Catalunha está na vanguarda da renovação litúrgica, mas a experiência de Comunhão e Libertação focou-se mais na tradição. No livro, defende a sobriedade dos gestos e recomenda que se evitem extravagâncias.**

Nós nunca tivemos uma particular atração por um certo tipo de gestos, porque pensamos que se as pessoas forem introduzidas à liturgia no seu sentido autêntico, não é preciso mais nada. Quando uma pessoa está apaixonada, não precisa de músicas ou filmes para ficar fascinada com a pessoa que tem à sua frente. A liturgia está cheia de significado e de mistério, e não precisa de incentivos. Introduzir outros elementos é como dizer que, assim como é, não é capaz de interessar. São acréscimos exteriores. Celebrar o facto de que Alguém deu a vida por nós, ouvir a palavra de Deus, poder oferecer aos fiéis um significado capaz de responder às urgências da vida, é suficientemente interessante para as pessoas; tudo o resto, que não seja esta resposta, fica à superfície, pode ter uma fascínio momentâneo, mas não parece deixar uma marca suficiente. Nós pertencemos a um movimento em que o nosso fundador usou a música, a beleza, a arte, a natureza para nos introduzir à verdade da fé, mas não o fazia no âmbito da liturgia, mas sim da totalidade da vida.

### **Por que é que a Igreja já não atrai os jovens?**

A igreja ainda atrai os jovens quando consegue captar esta necessidade de plenitude. A Igreja deve procurar a linguagem e as formas de se aproximar deles, não porque adoça a verdade da fé, mas porque faz perceber a sua relevância. O problema dos jovens somos nós, adultos, se não tivermos alguma coisa para comunicar como riqueza de vida, de experiência. Se somos céticos, não podemos atrair ninguém. No romance *Serotonina*, do escritor francês Michel Houellebecq, o protagonista tem de procurar uma substância que reduza a sua ansiedade; mas o autor, como escreve numa carta a Bernard-Henri Lévy, não pode deixar de desejar encontrar alguém que o ame. Isto é o que permanece, no meio desta espécie de niilismo em que vivemos.

### **O senhor diz no livro que “não consegue compreender certas tomadas de posição contra o Papa Francisco” no seio do seu movimento.**

Para entender o Papa Francisco, é preciso perceber a situação em que vivemos. Se não se fizer um diagnóstico exato da secularização em curso, arriscamo-nos a não perceber certas atitudes. A Igreja deve chegar a todos, e neste sentido o Papa tem uma grande capacidade de fazer gestos que falam a todos, para que a sua mensagem não fique confinada a um único âmbito; dialoga com todos, como fazia Jesus com determinados gestos e parábolas, que eram uma linguagem fácil para chegar ao coração das pessoas que encontrava. São Paulo, depois de se ter dirigido

aos hebreus de Corinto, que o tinham rejeitado, dirige-se aos pagãos. Este será sempre o desafio da Igreja. O cristianismo é um facto revolucionário que rompe os esquemas e está destinado a ser sinal de contradição.